

O Coração Imaculado e Eclesial de Maria na vivência da Mensagem de Fátima

1. O Imaculado Coração de Maria

«— Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Coração Imaculado.»¹

A devoção ao Imaculado Coração de Maria aparece sugerida na mensagem de Fátima, numa dimensão soteriológica que propõe um aprofundamento eclesial, fonte de revitalização do mundo.

Como se sabe, a devoção ao Imaculado Coração de Maria existia já como veneração do que há de mais central em Maria: a raiz do seu amor.

S. Lucas refere o Coração de Maria como o cofre vivo onde contempla o mistério de seu Filho (Lc 2,19.51), refere-o como aquele que será trespassado por uma espada de dor (Lc 2,35) e, ao fazê-lo, S. Lucas inscreve-se na longa tradição veterotestamentária que exprime a riqueza simbólica do coração.

1.1. *A simbologia do coração*

A simbologia do coração, tão rica na Sagrada Escritura para referir o que de mais profundo há na vida, dirige-se tanto à vida humana² como à do próprio cosmos, onde o texto sagrado vê

¹ Ir. LÚCIA, *Terceira Memória*, in: *Memórias da Irmã Lúcia*, Fátima 1990⁶, 105.

² O coração é o órgão central e definitivo da vida (Cf. Is 1,5; 12,55.56; 57,15; Jr 2,31.33; Ez 11,36; 36,26; Sl 37,15).

o «coração do mar» (Pr 30,18ss) ou o «coração do céu» (Dt 4,11), aquela altura não alcançável pelo homem.

No coração há sempre algo de inexplorável, de profundamente oculto ³. O coração existe para entender (Dt 29,3) e, uma vez endurecido, não entende (Is 6,10). Assim, diz-se nos Provérbios: «O coração do inteligente busca ciência» (8,5; 18,15); «O coração do sábio torna prudente a sua boca» (16,23). Como meta da vida, o salmista propõe «conseguir um coração sábio» (Sl 90,12); e Job considera que é ao coração que os sábios vão buscar adágios que ensinam aos outros (Job 8,10). Esta sabedoria, porém, provém de uma boa audição, de «ter um coração capaz de ouvir» (Re 3,9-12). Coração sábio é o coração que ouve ⁴. Sabendo ouvir, aprende a discernir o bem do mal: «O coração do inteligente consegue o conhecimento, o ouvido do sábio busca-o (Pr 18,15) ⁵. O conhecimento ouvido deve levar a uma consciência duradoira e fiel: «As palavras que hoje te ordeno devem estar sobre o teu coração» (Dt 6,6).

O coração é o lugar do saber e da recordação (Dn 7,28; Sl 27,8), e ter o coração com alguém é não só amá-lo mas também dar-lhe parte dos seus segredos ⁶.

Do coração partem as decisões boas ou más, e o amor a Deus procede do coração: «Amarás a Iavé, teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua vida e com todas as tuas forças» (Dt 6,5).

Também o AT fala do coração de Deus como órgão da Sua comunicação com o homem: «Suscitarei um sacerdote fiel que agirá segundo o meu coração e o meu desejo» (1Sam 2,35). No coração de Deus há o desejo de total felicidade humana (Jr 34,21; 2Sm 7,21; Sl 33,11), por isso entristece com a maldade dos homens (Gn 6,6; Jr 48,36).

A atenção de Deus pelo homem leva-O a pôr nele o Seu coração (Job 17,17), e, perante o pecado, a atenção de Deus suscita no profeta Oseias algumas das mais belas palavras do AT: «Como posso Eu abandonar-te, Efraim? [...] O meu coração está perturbado em mim, ao mesmo tempo a minha piedade comove-se. Não darei azo ao ardor da minha cólera [...]. Pois sou Deus e não homem, no meio de ti Eu sou santo» (Os 11,8-9).

³ O Senhor adverte Samuel, quando este vê o primeiro dos filhos de Jessé, Eliad: «Não consideres a sua aparência, nem a sua alta estatura [...] ,os homens vêem o que lhes salta aos olhos, mas o Senhor vê o coração» (1Sam 16,7).

⁴ Também no Egito, o coração é o órgão pelo qual o homem recebe a sabedoria.

⁵ Os chineses escrevem santo ou sábio num conjunto de três caracteres que, isolados, significam respectivamente: orelha, boca e rei (ou céu). Santo ou sábio é o que ouve a palavra do céu (conhecimento obtido oralmente).

O coração de Deus é amor misericordioso e salvífico do Seu povo.

A riqueza da simbologia do coração, palavra chave no AT para apresentar a profundidade, a pureza e a grandeza da vida de Deus, dos homens e do cosmos, surge no NT no cerne do drama que Deus quer viver com o homem e que tem como proto-actor o Seu Filho, em cujo coração está toda a humanidade a salvar.

A acção do Filho na história revela o Seu coração, porque a acção (o tornar visível a vida do ser vivo) torna a realidade aberta à palavra interpretativa e, no caso de Deus, a acção que O torna visível em Seu Filho desvela o palco da vida eterna à plateia do mundo ⁷.

A originalidade incomparável do cristianismo está no facto de que, na vida dos homens, o palco da vida eterna lhes abriu uma plenitude escondida no coração de Deus, que é já um processo de ressurreição, isto é, de unificação da vida. Só o coração de Deus, que na Encarnação e na Cruz tomou sobre Si o pecado humano e, ressuscitado, foi elevado à vida divina, só Ele pode unificar a nossa existência ⁸.

A ressurreição de Jesus Cristo, berço da cristologia, é também, como o indica incansavelmente a carta aos Efésios, o berço da eclesiologia ⁹. Na ressurreição de Jesus Cristo, onde se consume a Sua missão de tudo entregar ao Pai no amor de doação pessoal e santa, delineia-se a missão da Igreja de peregrinar na entrega do mundo a Deus, entrega que se realiza na batalha pelo bem.

O primeiro acto de missão da Igreja deixa antever a sua pureza imaculada no coração de Maria de Nazaré, e torna-se convite «cheio de graça» a um segundo acto: a construção da história com os sinais do Reino, a preparar o terceiro e definitivo acto — o do banquete eterno.

1.2. *A pureza eclesial no coração de Maria*

Se o mistério pascal unifica a vida humana, é porque a penetrou de laços de comunhão. Ao dar a vida «por nós», Jesus Cristo realizou o acto fundamental da eclesialidade: a comunhão, que não consiste só em estarmos uns com os outros, mas também em sermos «uns pelos outros».

⁶ É assim que Dalila diz a Sansão que ele não pode dizer que a ama, porque o coração dele não está com ela (Jz 16,15).

⁷ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Theodramatik I. Prolegomena*, Einsiedeln 1973, 10ss.

⁸ Cf. IDEM, *Einfaltungen*, München 1969, 114.

É a entrega sem condições ao coração de Deus, ao Seu plano universal de salvação, que permite a toda a liberdade humana finita acolher uma missão histórica com dimensões universais.

A figura de Maria é, assim, o núcleo essencial da eclesialidade, porque, nela, a infinita liberdade de Deus — o Seu coração — encontra a plena nupcialidade da liberdade finita. O coração de Maria, à escuta de Deus, acolhe os Seus desígnios, torna-se tempo total para Deus, ao ponto de o Seu Filho poder abrir nela um espaço gerador de plenitude.

Ela, ao dar à luz o Filho de Deus, gera o céu na terra, porque o Seu Filho abriu nela o espaço maternal para todos os que O aceitam, O confessam e O seguem livremente ¹⁰.

Se, como se mostra nos primeiros séculos cristãos, o papel de Maria está intimamente ligado à geração do Filho (Gl 4,4), está também tão profundamente entrelaçado com a missão deste que não pode deixar de assumir uma missão eclesial.

Viram-no os Padres da Igreja. Quer S. Justino quer Santo Ireneu, ao nomearem Maria nova Eva, no seguimento de S. Paulo, apresentam-na como tipo da Igreja de Cristo. Em Santo Ireneu, o acto gerador do Filho de Maria e o da Igreja pela fé avizinham-se até à identificação: o nascimento virginal de Jesus foi sinal de salvação divina que teve lugar no seio da Virgem, para garantir a regeneração dos crentes pela fé ¹¹.

A virgindade de Maria aponta para o mistério da encarnação do Verbo, do puro, que abriu, de maneira pura, o seio que Ele tornou puro, para regenerar os homens em Deus. Do realismo do nascimento virginal de Jesus deriva o nascimento dos cristãos do seio virginal da Igreja, passando do nível de uma metáfora para o de um realismo sacramental ¹².

⁹ Cf. IDEM, *Theodramatik II. Die Personen des Spiels. Teil 1 Der Mensch in Gott*, Einsiedeln 1976, 72.

¹⁰ Sobre o assunto cf. IDEM, *Maria für heute*, Freiburg 1987, 28ss; M.M. de CARVALHO, *A centralidade cristológica do «eschaton» nos escritos de Hans Urs von Balthasar*, Porto 1993, 229ss.

¹¹ Cf. IRENÆUS St., *Adv. Haer.* IV 33,4 = SC 100, 813; IUSTINUS S., *Dialogus cum Tryphone Iudeo* 100 = PG 6, 709. Em confronto com Eva, cuja «*concupiscentia, cum conseperit, parit peccatum*», S. Justino vê Maria a aceitar a mensagem divina na plenitude da fé e da docilidade gozosa. Este primeiro momento de maternidade de Maria na fé e na docilidade anuncia já em S. Justino o «*prius concepit mente*» da patrística posterior. Cf. J. de ALDAMA, *Maria en la Patristica de los siglos I y II* = BAC 300, Madrid 1970, 271.

¹² H. U. VON BALTHASAR, *Theodramatik II. Die Personen des Spiels. Teil 2 Die Personen in Christus*, Einsiedeln 1978, 278.

Esta quase indistinção mantem-se no Ocidente até ao século V. Nesse tempo, escreveu Santo Agostinho que Maria é nossa Mãe, «porque cooperou com caridade para que nascessem fiéis na Igreja, membros daquela Cabeça da qual é efectivamente Mãe segundo o corpo. [...] Na verdade, na Igreja, nos santos que hão-de possuir o Reino de Deus, é, no espírito, totalmente Mãe, totalmente Virgem de Cristo»¹³.

Porque a vida dos filhos de Deus deve ser virginal e fecunda, dessa vida é figura a Mãe de Jesus. E Santo Agostinho precisa: «Era necessário que, por um prodígio maravilhoso, o nosso chefe nascesse corporalmente de uma Virgem: queria fazer compreender que os seus membros devem renascer, segundo o Espírito, da Virgem Maria»¹⁴.

A virgindade de Maria poderá traduzir-se na entrega do seu coração a Deus, entrega total que o torna imaculado. A geração virginal é a do Filho e, n'Ele, das almas virgens na fecundidade eclesial.

Assim a compreendeu o Oriente: Maria Virgem é a Igreja concretamente personificada e concretamente universal. Assim a viram S. Cirilo de Jerusalém, quando escreveu: «Cristo nasceu de uma virgem, Ele que torna as almas virgens»¹⁵, e S. Maximo, o Confessor, que vai mais longe, ao falar do nascimento de Cristo em nós: «Cristo, sempre novo e por movimento próprio, nasce de uma maneira mística na alma. Torna-se carne naqueles que recebem a salvação, e a carne, na qual nasce, transforma-a em Virgem Mãe»¹⁶.

A união de Maria com o Filho permite-lhe participar da Sua missão universal e, mais do que ser simplesmente «a Igreja», Ela unifica em si a plenitude de graça e santidade que jorra do Salvador sobre toda a Igreja. O «sim» de Maria na anunciação é representativo do sim da humanidade a Deus¹⁷. Mas só Maria o pode pronunciar. A Igreja não tem coragem de se identificar com a esposa imaculada de Ef 5,27, que é Maria.

É assim que a *Lumen Gentium* A apresenta como membro proeminente da Igreja (52.66) e estabelece mesmo a diferença entre a vida terrena de Maria, na fé, e a sua existência exaltada no céu, como rainha do universo (59). Maria, que coopera na ordem da redenção como generosa serva humilde, torna-se Mãe na ordem da graça (61). É a maternidade de Maria, primeiro em relação

¹³ AUGUSTINUS, St. , *De Virginitate* 6 = PL 40,399.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ CYRILLUS HIROSOLYMITANUS, *Catecheses* 12,3 = PG 33, 766A.

¹⁶ MAXIMUS Conf. S. , *Expositio Orationis Dominicæ* = PG 90, 889A.

¹⁷ Cf. THOMAS Aq., *S. Th.* III, 30,1.

a Cristo (56-59), depois em relação à Igreja (61), que domina o esquema eclesial.

2 . Razões da devoção ao Imaculado Coração

Mais do que uma devoção particular, o culto ao Imaculado Coração reveste-se de uma exigência de eclesialidade. E, se o nosso tempo a tem observado, e o desenvolvimento da Mariologia se tem enriquecido nessa perspectiva, parece-nos ser também a afirmação charneira da mensagem de Fátima. Para salvar os pecadores, a devoção ao Coração Imaculado de Maria insere-se profundamente: no fulcro do mistério pascal — a entrega de uns pelos outros; na celebração eucarística — a celebração do acontecimento redentor; na *communio sanctorum* — expressão da eclesialidade.

2.1. A entrega de uns pelos outros

Eis um dos pontos principais captado pelos três pastorinhos da Cova da Iria, e posto em prática por eles, especialmente pelo mais novo dos três: a pequena Jacinta, que se deixou profundamente tomar no mistério redentor. Pergunta a Irmã Lúcia:

«Como é que a Jacinta, tão pequenina, se deixou possuir e compreendeu um tal espírito de mortificação e penitência? Parece-me que foi: primeiro, por uma graça especial que Deus, por meio do Imaculado Coração de Maria, lhe quis conceder; segundo, olhando para o inferno e desgraça das almas que aí caem»¹⁸.

Por graça de Deus, por meio do Coração Imaculado de Maria: de facto, Deus prepara aqueles que chama, gratificando-os. Deus dá-se-lhes e, pelo coração unificado de Sua Mãe, a Igreja pura, ilumina-lhes a inteligência e a vontade ao ponto de atingirem graus de sabedoria e liberdade muito profundos. Pelo Imaculado Coração de Maria, Deus dá à pequena Jacinta a ânsia da comunhão de todos em Deus, e ela intui que o meio de a realizar passa por uma atitude pessoal de oração e sacrifício pelos outros.

Na sua inocência e simplicidade perguntava:

«— Porque é que Nossa Senhora não mostra o inferno aos pecadores? Se eles o vissem, já não pecavam, para não irem para lá.

¹⁸ Ir. LÚCIA, *Ibidem* 106.

Hás-de dizer àquela Senhora que mostre o inferno a toda aquela gente [...]. Verás como se convertem. Depois, meio descontente, perguntava-me:

— Porque não disseste a Nossa Senhora que mostrasse o inferno àquela gente?

— Esqueci-me — respondia.

— Também me não lembrei! — dizia com ar triste.»¹⁹

Não bastaria ver o inferno para as pessoas se converterem! É preciso a graça de o reconhecer e o desejo de comunhão, para o recusar.

2.2. A celebração eucarística

Jacinta dizia:

«— Tenho tanta pena de não poder comungar em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria!»²⁰

Jacinta capta o sentido inclusivo do acontecimento pascal, do qual Jesus dá conhecimento, ao dizer aos seus: «Fazei isto em memória de mim».

A Eucaristia inclui a Igreja no acontecimento da entrega de uns pelos outros. Quando S. Paulo escreve que Cristo «morreu por todos, a fim de que os que vivem não vivam mais para si próprios, mas para Aquele que morreu e ressuscitou» (2Cor 5,15), quando afirma que «se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos pelo Senhor» (Rm 14,8), considera que aqueles por quem Cristo sofreu e expiou são transferidos, no seu ser, para outra dimensão. É por força da inclusão resultante do «por nós» que se constitui formalmente o corpo eclesial²¹.

S. João Crisóstomo, o grande teólogo do memorial eucarístico, o *Doctor eucharisticus*, afirma a identidade do Corpo eucarístico de Cristo com o Corpo histórico: a identidade da oblação dos crentes com a oblação de Jesus na cruz²². E o Papa Paulo VI exprime-se de forma muito semelhante, quando escreve: «A única e indivisível existência de Cristo, o Senhor glorioso nos céus, não se multiplica,

¹⁹ *Ibidem* 106-107.

²⁰ *Ibidem* 108.

²¹ Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Theodramatik III. Die Handlung*, Einsiedeln 1980, 363.

²² Cf. IOANNES CHRYSOSTOMUS, S., *In Epistulam ad Hebraeos homiliae* 17,3 = PG 63, 131.

mas pelo sacramento torna-se presente em vários lugares do orbe da terra onde se realiza o sacrifício eucarístico»²³.

A aliança eternidade — tempo, estabelecida no mistério pascal, e na qual a Mãe de Deus esteve sempre tão intimamente comprometida, permite que permaneça uma relação estreita entre a realidade histórica da cruz — ressurreição e a celebração histórica da Eucaristia. Incluídos passivamente no sacrifício de Cristo, «quando ainda eramos pecadores», os cristãos são, na Eucaristia celebrada na fé e na caridade, aí incoativamente incluídos de forma activa e peregrinante. E, em Maria, o seu Imaculado Coração é o lugar que celebra eucaristicamente, não de forma incoativa mas já realizada, a própria fé da comunidade. Junto à cruz, Maria tornou-se parte constitutiva do sacrifício do seu Filho. Entregando o seu Filho ao Pai, deixa universalizar o seu coração às dimensões soteriológicas da entrega do próprio Filho, deixa que a entrega seja de alguém, que lhe diz pessoalmente respeito, a Alguém que pertence à esfera do divino. E, quando tal se dá, é possível falar de sacrifício.

Junto à cruz — ressurreição — pentecostes, Maria é a que acolhe o agir divino fecundo de vida nova. E poderá a devoção ao seu Imaculado Coração não ser uma entrega eucarística em seu Filho, no qual a fé cristã atinge a fé arquétipa de Maria? A entrega no Filho é sempre a de uns pelos outros:

«Imaculado Coração de Maria, converte os pecadores, livra as almas do inferno!»²⁴

costumava cantar a pequena Jacinta enquanto colhia as flores do campo.

2.3. A «*communio sanctorum*»

«— No céu não se comunga? se lá se comungar, eu comungo todos os dias»²⁵,

dizia Jacinta, que experimentava em si a presença de Deus, sem a saber explicar, mas ansiando por tê-la sacramentalmente no seu coração. E esse desejo de comunhão era sempre reparador: era pelos pecadores, era pelo Santo Padre.

²³ PAULUS, PP VI, *Professio fidei* 26 = AAS 60 (1968) 443.

²⁴ Ir. LÚCIA, *Ibidem* 109.

²⁵ *Ibidem* 113.

Ao Francisco dizia a Lúcia, quando ele já estava muito doente:

«— Então vê lá: não te esqueças de lá (no céu) pedir muito pelos pecadores, por o Santo Padre, por mim e pela Jacinta.

— Sim, eu peço. Mas olha: essas coisas pede-as à Jacinta, que eu tenho medo de me esquecer, quando vir a Nosso Senhor! E, depois, antes O quero consolar.»²⁶

Parece que o Francisco tocou o ponto fulcral da comunhão: o amor a Deus, porque Deus é amor, e o amor quer amar. O seu desejo de consolar o amor divino é a expressão simples da inquietação da santidade que se ocupa, antes de mais, de que o amor seja amado. Aí está também o ponto central da *communio sanctorum*, porque aí está a entrega ao amor absoluto concreto e personalizante, na qual querer ser com Deus e com os outros revela um dom de unidade por parte de Deus, uma dependência, de certo insondável, do ser trinitário de Deus, o qual é, em Si próprio, comunhão de santidade.

Conduzido pelo Coração Imaculado de Maria, encontrou o Coração do Mistério Trinitário, e aí quis permanecer.

3. A vivência da Mensagem de Fátima

No dia 31 de Outubro de 1942, o Papa Pio XII, numa radiomensagem em português, consagrou o mundo ao Coração Imaculado de Maria:

«A vós, ao vosso Coração Imaculado, nesta hora trágica da história humana, confiamos, entregamos, consagramos não só a santa Igreja [...] mas mesmo todo o mundo dilacerado por funestas discórdias»²⁷.

No dia 4 de Maio de 1944, a Sagrada Congregação dos Ritos elevava a festa a rito duplo de segunda classe, com ofício e missa própria, para toda a Igreja latina, fixando-lhe a data em 22 de Agosto, oitava da Assunção²⁸.

Paulo VI, ao encerrar a terceira sessão do Concílio Vaticano II, a 21 de Novembro de 1964, renovou, na presença dos Padres conci-

²⁶ *Ibidem* 145.

²⁷ = AAS 24 (1942) 324.

²⁸ O actual calendário transferiu a festa para o dia seguinte à festa do Coração de Jesus.

liares, a consagração ao Coração de Maria ²⁹, e João Paulo II, ao terminar a sua primeira encíclica *Redemptor hominis*, referindo-se ao mistério da redenção, escreveu:

«Este mistério formou-se, podemos dizer, no coração da Virgem de Nazaré, quando pronunciou o seu *fiat*. A partir daquele momento, esse coração virginal, e ao mesmo tempo materno, sob particular acção do Espírito Santo, acompanha sempre a obra do Seu Filho. Palpita por todos aqueles que Cristo abraçou e continua a abraçar no Seu inexorável amor. Por isso mesmo, também este coração deve ser maternalmente inexaurível. Característica deste amor materno, que a Mãe de Deus infunde no mistério da Redenção e na vida da Igreja, é encontrar expressão tão próxima do homem e das suas vicissitudes. Nisto consiste o mistério da Mãe [...]. Por isso, Maria deve encontrar-se em todos os caminhos da vida quotidiana da Igreja. Graças à sua presença materna, a Igreja ganha certeza de que vive verdadeiramente a vida do seu Mestre e Senhor, de que vive o mistério da Redenção em toda a sua vivificante profundidade e plenitude [...]» ³⁰.

É o mistério da redenção que a mensagem de Fátima propõe que seja actualizado eclesialmente.

A devoção ao coração de Maria não é, assim, uma piedade particular, mas é, antes, um compromisso eclesial: um compromisso de vida consagrada a tornar presente no mundo os dinamismos do amor redentor.

A confiança depositada no Coração Imaculado de Maria é o acto de abandono à raiz da eclesialidade, à raiz da comunhão totalmente pura entre o divino e o humano.

A vivência da mensagem de Fátima só pode realizar-se no coração da Igreja, no ser Igreja viva, cuja origem, centro e alimento é o mistério pascal. E o coração da Igreja viva é o Coração Imaculado de Maria.

MARIA MANUELA DE CARVALHO

²⁹ Na Encíclica *Haurietis aquas*, Pio XII proporá associar ao culto ao Coração de Jesus a devoção ao Coração Imaculado de Maria, escrevendo: «[...] queremos solenemente dedicar e consagrar a santa Igreja e o mundo inteiro ao Coração Imaculado da beata Virgem Maria» = AAS 48 (1956) 352.

³⁰ = AAS 71 (1979) 322-323.